



**“Ideias para o fim do mundo”: uma abordagem retórica e de ecocrítica
pós-colonial**

Luciana Ferreira Leal

Professora Doutora, UNESPAR, Brasil
luciana.leal@unespar.edu.br

João Adalberto Campato Júnior

Professor Doutor, Universidade do Brasil, Brasil
campatojr@gmail.com

RESUMO

Discutem-se atualmente questões relativas à faceta socioambiental da realidade mundial, destacando-se a presença marcante de certo aspecto apocalíptico nesse debate. Trata-se da consciência das ameaças, cada vez mais concretas, ao equilíbrio do meio ambiente do planeta Terra, das fragilidades e contradições das propostas do desenvolvimento sustentável e, por fim, do pessimismo com relação à possibilidade do surgimento de uma humanidade alternativa aos valores consumistas, materialistas, imperialistas, antropocêntricos do capitalismo, sobretudo em sua vertente economicamente mais agressiva. Nesse contexto de ameaças sombrias, pretende-se evidenciar que o discurso ecocrítico e de crítica pós-colonial do indígena brasileiro Ailton Krenak, veiculados em *Ideias para o fim do mundo* (2019), propõe retoricamente provar a seu auditório que a humanidade, se bem que já negligenciada e distorcida por ação do capitalismo mistificador, apresenta ainda condições propícias para uma renovação futura de mudanças de paradigmas. O artigo apresenta um desenho qualitativo e bibliográfico e conclui que Krenak, por meio de uso estratégico da retórica, potencializou a ação de seu discurso propositivo.

PALAVRAS-CHAVE: Ailton Krenak. Retórica. Desenvolvimento Sustentável.

1. INTRODUÇÃO

Há um aspecto do contexto mundial que, desde certo tempo, tem se constituído em matéria de graves discussões e acirradas especulações entre cientistas, jornalistas, ativistas ambientais, empresários, políticos chegando, igualmente, a preencher o imaginário da população comum. Trata-se da questão das ameaças, cada vez mais concretas, ao equilíbrio socioambiental do planeta, do desenvolvimento sustentável e do que este pode contribuir – se é que pode de fato – com relação à possibilidade do surgimento de uma humanidade mais renovada, fraterna e sensível às populações e aos espaços mais vulneráveis. O debate ora é tingido de cores mais otimistas, beirando a ingenuidade, ora de cores mais sombrias, beirando o apocalíptico. Por vezes, impera desejável equilíbrio.

Por um lado, acredita-se que a noção e a prática do desenvolvimento sustentável e tudo que ele acarreta tenha a possibilidade de corrigir uma trilha já distorcida por valores que certa modalidade de capitalismo selvagem produziu, em que a natureza se separa do homem. De outro ângulo, o desenvolvimento sustentável e sua cultura são abordados como ideologia de grandes corporações de países industrializados cujo propósito consiste, não em corrigir, mas em legitimar a ação do capitalismo, que não deixará de ser menos agressivo, continuando a impor a cultura do consumo e da criação de consumidores; a cultura do lucro desenfreado, da criação de necessidades, em que a natureza é vista exclusivamente como um repositório de matérias-primas a serviço dos desejos humanos, que, por sua vez, transformam-se no lobo do próprio homem.

No quadro profundo e complexo desse debate e por meio de diversas manifestações pessoais e coletivas, toma partido o intelectual indígena brasileiro Ailton Krenak, iluminando os impasses e as contradições da humanidade, acentuando-lhe as dificuldades, mas propondo, igualmente, alternativas originais para o mundo tornar-se mais saudável, unindo homem e natureza num complexo comum de bem-estar e respeito recíproco. Da vasta produção de Krenak, escolheu-se, para análise, o texto “Ideias para adiar o fim do mundo”, ilustrando como essa complexidade conceitual recebe um tratamento reflexivo e inspirador, que articula o conceito de humanidade, de prazer de viver, de meio ambiente, de colonialismo e de pós-colonialismo, vistos sob os ângulos analíticos e reveladores da ecocrítica e da retórica.

2. OBJETIVOS

Em decorrências das considerações acima expostas, objetiva-se evidenciar, neste artigo, que o discurso ecocrítico e de crítica pós-colonial de Ailton Krenak, em “Ideias para o Fim do Mundo”, vale-se de estratégias retóricas para persuadir seu auditório de que a humanidade, embora colapsada por ação do capitalismo mistificador, apresenta ainda condições propícias para uma renovação futura.

3. METODOLOGIA

A pesquisa que deu origem a este artigo seguiu o delineamento bibliográfico. Isso porque ela se desenvolveu mediante leituras, análises e categorizações de material bibliográfico, como livros e artigos científicos. Segue, além disso, as orientações mais amplas do enfoque qualitativo, que busca análises mais aprofundadas dos sentidos oriundos do material consultado, abdicando de interpretações por meio de números e estatísticas.

4. A ECOCRÍTICA

A ecocrítica é um campo de estudo concentrado na relação entre a literatura e o meio ambiente. Nesse contexto, os pesquisadores exploram como a natureza é representada na literatura e como a crise ambiental e a interdependência do ser humano com o planeta se articulam. Para Mendes (2020, p. 93), a premissa dos estudos ecocríticos é a “reflexão sobre a mútua interferência entre os universos humanos e físicos”.

A análise ecocrítica busca dar voz ao que muitas vezes é silenciado: a natureza e o mundo exterior. Diferentemente das abordagens homocêntricas, a ecocrítica é ecocêntrica, privilegiando o lugar e o contexto da escrita. Peter Barry (2009) afirma que a natureza existe além de nós, afetando-nos e sendo afetada por nós. Não é apenas um conceito cultural.

Originária, acima de tudo, dos Estados Unidos da América do Norte e da Inglaterra, a ecocrítica constitui um movimento crítico de teor interdisciplinar centrado nas representações e nas recriações literárias das relações múltiplas entre o homem, a natureza e o meio ambiente. Trata-se de um método de investigação relativamente novo, que procura estabelecer, em linhas fundamentais, os sentidos das relações entre manifestações culturais e o meio ambiente. (GLOTFELTY, 1996).

Sua crescente importância relaciona-se com o fato de aparecer numa realidade histórica marcada por uma crise ambiental de teor capitalista, imperialista e antropocêntrica cujas proporções estão colocando a existência da humanidade em risco seja de colapso parcial, seja mesmo de extinção total.

Os questionamentos feitos pelos críticos literários ou culturais filiados a essa tendência são os seguintes: “Como a natureza está representada na obra literária?”, “Qual o papel do cenário físico no enredo de um romance?”, “Os valores expressos nessa obra são consistentes com a sabedoria ecológica?”, “Os homens escrevem sobre a natureza diferentemente das mulheres?”; “Como a crise ambiental vem se inserindo nos romances modernos?”, entre muitas outras possíveis (COUTO, 2007, p. 438-439).

Garrad faz-nos entender o porquê de tais perguntas, realçando com clareza o aspecto que dá base à Ecocrítica:

Os problemas ambientais requerem uma análise em termos culturais e científicos porque são o resultado da interação entre o conhecimento ecológico da natureza e sua inflexão cultural. Isso implicará estudos interdisciplinares que recorram às teorias literárias e culturais, à filosofia, à sociologia, à psicologia e à história ambiental (2006, p. 29)

A crítica ecocrítica compartilha da premissa segundo a qual a dita cultura humana está atrelada ao mundo físico num processo tal em que ambos se modificam numa ação constante de transformação e que sai à cata de uma justiça ambiental. São justamente as interconexões entre a natureza física e a cultura humana que se fazem matéria de exame da ecocrítica, que está sempre a propor uma negociação entre o humano e o não humano. (GLOTFELTY; FROM 1996).

Disciplinas universitárias como a ecocrítica cujo escopo é o exame dos nexos entre ambiente e diversas textualidades (literatura, cinema, artes, etc) já têm espaço consagrado na universidade americana - como, por exemplo, na Universidade de Nevada - desde 1990, e se espalham para outros lugares do mundo. Algo semelhante se pode declarar a respeito das associações, grupos de pesquisas e congressos que tratam da ecocrítica, como a *Association for the Study of Literature and Environment* (ASLE) – que tem um atuante ramo no Brasil - e, mais recentemente, a *European Association for the Study of literature, Culture and Environment* (EASLCE).

A ecocrítica já nasce problematizadora, inserida num mundo tenso, coalhado de complexidades. Por tal motivo, alguns estudiosos preferem reportar-se a ela empregando o plural “ecocríticas” (JUNQUEIRA, HENRIQUEZ, VIGAL, 2010, p.15) a fim de representar-lhe as várias vertentes: o ecofeminismo, a ecocrítica e literaturas nacionais, a ecocrítica e literaturas infantojuvenis, a ecocrítica da matéria, o estudo das humanidades oceânicas, textos tóxicos, natureza urbana, justiça ambiental, entre outras (JUNQUEIRA, HENRIQUEZ, VIGAL, 2010). O ramo da ecocrítica de interesse preferencial neste artigo ainda não foi mencionado, a saber: a ecocrítica pós-colonial.

A ecocrítica pós-colonial é um campo interdisciplinar que examina as intersecções entre literatura, meio ambiente e questões pós-coloniais. Trata-se de analisar como as narrativas abordam temas ambientais, em contextos pós-coloniais, em que as relações de poder históricas e a exploração da natureza desempenham papel seminal.

Essa abordagem combina duas áreas: a ecocrítica e a crítica pós-colonial. A ecocrítica investiga a relação entre a literatura e o meio ambiente, examinando como os textos literários representam a natureza, a paisagem e as questões ecológicas. Por sua vez, a crítica pós-colonial concentra-se nas consequências do colonialismo e nas vozes marginalizadas, analisando como a literatura reflete as experiências de colonizados e como os escritores respondem às estruturas de poder coloniais. A ecocrítica pós-colonial convida o leitor a examinar como a literatura reflete e contesta as relações de poder, a exploração ambiental e as questões sociais em contextos pós-coloniais. Ela lembra que a proteção do meio ambiente está intrinsecamente ligada à justiça e à equidade. Portanto, quando se menciona a ecocrítica à luz do pós-colonialismo, sinaliza-se para o exame dos laços unindo o colonialismo, o pós-colonialismo e o neocolonialismo à degradação do meio ambiente (BONNICI, 2012).

Nesse cenário, surge a ação devastadora do antropocentrismo e de sua preponderância em relação ao ecocentrismo. Esvazia-se o sentido de tudo que não é humano, sendo apenas o humano o elemento que, além de possuir significado em si, tem o condão hierárquico de conferir significado à natureza. O homem revela-se o senhor, o intérprete e o centro da natureza, decidindo o que morre e o que vive.

Uma visão ecocêntrica, por outro lado, pressupõe a integração de todos os seres vivos num contexto de igualdade e harmonia em que não há privilégios para humanos para os quais nem a natureza e tampouco os animais foram voluntaria ou involuntariamente criados.

A ecocrítica pós-colonial – conforme bem evidenciado por Falconi (2022, p.58) – está centrada

[...] na análise crítica da continuidade de formas “imperiais” de dominação social e ambiental; na indagação dos impactos ecológicos das relações coloniais, imperiais e neocoloniais; bem como na plena assunção da complementaridade entre justiça social e problemáticas ambientais.

Vem daí que, no cenário hegemônico neoliberal, as especulações e preocupações da ecocrítica pós-colonial respondam por uma série de temas-chave problemáticos, tais como direitos humanos e não humanos, animalidade e espiritualidade, cânone literário, os prejuízos sociais e socioambientais do capitalismo extrativista, entre outros. (FALCONI, 2022).

A ecocrítica integra uma “modalidade de análise confessadamente política” (GARRAD, 2006, p.14), de tal modo que os ecocríticos, ao se lançarem no exame dos discursos, fazem-no com base num projeto militante empenhado em persuadir os receptores das análises da gravidade da crise ambiental da qual os homens, com sistemas econômicos opressores e com relações de poder danosas, são os culpados das tragédias socioambientais.

Pelo que ficou acima exposto, atina-se melhor com as razões pelas quais foi escolhido mostrar, no discurso de Aílton Krenak, as articulações entre imperialismo, ecocrítica e a retórica – discurso militante fundado na persuasão – a fim de deixar mais evidentes os amplos sentidos produzidos pelo texto.

5. A RETÓRICA E O MÉTODO RETÓRICO

A retórica diz respeito à persuasão pelo discurso verbal. A persuasão pode convencer, comover e agradar. Conforme se intui, convencer está conectado à persuasão lógica; comover é uma persuasão de ordem afetiva, que age no “coração” dos indivíduos. Já agradar concerne a uma persuasão estética (TRINGALI, 2014). Do ângulo da retórica antiga, dos três modos de persuadir, o convencer a inteligência consiste no mais indispensável e decisivo, posicionando-se os demais no campo do acessório.

A retórica greco-latina interessa-se por todas as partes de discurso persuasivo, questões a invenção, a disposição, a elocução, a ação e a memória. A invenção caracteriza-se como a atividade de encontrar provas a respeito de um debate. As provas são lógicas ou psicológicas. Se lógicas, dividem-se em silogismos e exemplos; se psicológicas, em éticas e patéticas. A persuasão tem um componente racional e um emocional. Os argumentos de cunho psicológico desdobram-se em duas linhas: os éticos (imagem positiva do orador) e os patéticos (emoção provocadas no receptor).

A disposição é um “plano-tipo ao qual se recorre para construir o discurso” (REBOUL, 2004, p. 55). Costuma-se dividir o discurso em exórdio (início do discurso), proposição (tese), partição (plano a ser seguido pelo orador), narração (os acontecimentos), argumentação (apresentação das provas) e peroração (conclusão do discurso). A elocução, terceira etapa da preparação da peça retórica, consiste na expressão linguística e estilística do discurso, em que se reveste de linguagem o material encontrado na invenção e ordenadas pela disposição. A fase seguinte é a memória, que diz respeito ao exercício de decorar o texto a ser apresentado, pois os discursos eram decorados e expressos oralmente. Compõe o derradeiro estágio de formulação do discurso a ação, atividade de pronunciar o texto.

Conhecidos determinados aspectos da retórica, resta tomar contado com um modelo de análise textual nela ancorado (TRINGALI, 2014) e com o auxílio do qual se fará a interpretação do texto de Ailton Krenak, fazendo vir à tona sua dimensão persuasiva no contexto maior de uma visão socioambiental do planeta. O método é composto de várias etapas, que, neste trabalho, foram reduzidas para um número consideravelmente menor.

Figura 1 – A retórica como método de abordagem textual

TEMA e QUESTÃO	Avaliar o tema do discurso e o que se discute
PROPOSIÇÃO	Indica-se o que o orador pretende provar
ORADOR/AUDITÓRIO	Determina-se o orador e de auditório do discurso.
GÊNERO DO DISCURSO	Se o discurso faz parte do gênero judiciário, demonstrativo ou deliberativo.
INVENÇÃO	Examinam-se as provas lógicas, patéticas e éticas.
ELOCUÇÃO	Análise estilística
IDEOLOGIA	Considera-se a ideologia que o texto retórico encerra.

Fonte: Adaptado de Tringali (2014) pelos autores.

6. ANÁLISE DO DISCURSO

Ideias para adiar o fim do mundo constitui uma palestra proferida em 12 de março de 2019 por Ailton Krenak no Instituto de Ciências Sociais em Lisboa, no contexto da Mostra Ameríndia: Percursos do Cinema Indígena do Brasil. Em 2019, a conferência foi transcrita em livro homônimo no qual constaram duas outras manifestações de Krenak: *Do sonho e da terra*, de 2017, e *A humanidade que pensamos ter*, ambos de 2017. A edição utilizada para as citações, nesse artigo, é a segunda, publicada em 2020.

Nascido em 1953, no Vale do Rio Doce, espaço geográfico típico da mineração, Ailton Krenak tornou-se um dos mais respeitados ativistas ambientais e de defesa dos direitos dos indígenas do Brasil, alcançando visibilidade nacional e internacional. Foi o organizador da *Aliança dos Povos da Floresta*, agrupando comunidades ribeirinhas e indígenas da Amazônia. A academia reconheceu-lhe o trabalho e, em 2016, foi agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Juiz de Fora (MG). Em 2024, foi eleito o primeiro indígena membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Há nítida situação retórica na palestra de Krenak de 2017. Isso porque assoma a figura de um orador, Ailton Krenak, que se dirige a um auditório, que, inicialmente, é estipulado como os portugueses que participaram do evento em Lisboa. Em seguida, tornada livro, a mensagem da conferência se expande atingindo um auditório mais numeroso, os interessados nas causas

ambientais. O orador tem nome e reputação prévia bem positiva: trata-se do indígena Ailton Krenak, que, diante de assunto controverso, endereça-se, com autoridade, ao público com a finalidade de persuadi-lo a respeito de uma questão que estava e permanece na ordem do dia. Krenak falará sobre algo de que tem irrecusável conhecimento de causa e cuja autoridade se deixa reparar no próprio discurso que enuncia (*ethos* prévio mais *ethos* discursivo).

A questão socioambiental ocupa desde data recuada o centro de uma série de opiniões, que colocam em debate se a humanidade estaria ou não correndo risco de colapso ambiental pela ação humana exageradamente antropocêntrica e capitalista. Nessa linha, polemiza-se, com inevitável carga ideológica, se seria viável a alternativa do desenvolvimento sustentável com base na relação harmoniosa entre o desenvolvimento econômico nos moldes capitalistas e a ideia de sustentabilidade. Tal questão ambiental suscita opiniões contrárias, mais ou menos racionais, mais ou menos passionais, sobre as quais cientistas, políticos, empresários e ambientalistas têm se posicionado com frequência, empenhando-se em persuadir a parte que lhes é contrária.

A palestra de Ailton Krenak (2019,) consiste numa tomada de posição – e a adoção do termo “invasão do meu canto do mundo” já é uma primeira escolha ideológica explícita - nesse universo discursivo, povoado de discursos, formações discursivas e ideológicas que se digladiam, sempre à luz da antilogia, que preconiza que, no ato retórico, todo discurso se contrapõe a outros atos ainda que virtualmente num eterno direito de resposta (TRINGALI, 2014). Krenak acentua, pois, a invasão em detrimento da descoberta.

Ao recortar uma posição nessa teia aridiosa de sentidos, Ailton Krenak enuncia sua tese, desejando provar que a situação atual socioambiental se explica pela construção de uma ideia deturpada e injusta de humanidade, oriunda dos europeus invasores. Considerados superiores, estes teriam pela ideologia colonialista legitimado o suposto direito de levar as luzes da civilização à gente inferior, num processo messiânico de colonização e, na esteira desse, de desenvolvimento sustentável e de globalização, a fim de conduzir os não brancos a comportar-se como se deve seja no passado, no presente e no futuro, como se houvesse uma visão essencialista de comportamento, um padrão correto de ser, independente do tempo, do espaço e de quaisquer outras circunstâncias.

Nos termos postulados pelo próprio Ailton Krenak, a questão retórica que lhe fomenta o discurso assim se apresenta: “como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos, nós construímos a ideia de humanidade? Será que ela não está na base de muitas das escolhas erradas que fizemos, justificando o uso da violência?” (2020, p. 10-11). Tal suposta humanidade, ademais, rejeitaria a “capacidade de invenção, criação, existência e liberdade” (2020, p. 13) dos povos originários, engolfando-os numa servidão.

Num movimento de afunilamento, é cabível declarar que a tese de Krenak mostra que semelhante situação socioambiental e existencial é consequência da criação desastrosa de uma ideia de humanidade pelos europeus e fortalecida pelas organizações capitalistas, que supõem e plasmam um homem cada vez mais alienado da terra, homogêneo, consumidor inveterado, afastado do sagrado, dominado pelas corporações capitalistas, em que os povos originários têm status de “sub-humanidade”. Urge, então, superar tal estado ampliando o horizonte, vivenciando a liberdade, a diversidade e a alegria.

Uma das provas mais vigorosas do orador são as éticas, imagem que ele constrói de si próprio ao longo do discurso. Trata-se do *ethos* discursivo. Porém, é possível levar em consideração para o estudo da persuasão também o *ethos* pré-discursivo, que diz respeito à reputação que o orador tem antes de tomar a palavra.

A reputação de Krenak é envolta de respeito quase universal, não lhe conhecendo nada que o desabone em termos de desrespeito às leis e aos costumes, bem como à proteção das florestas, dos indígenas e da humanidade. Há, pois, uma articulação entre os argumentos que Krenak apresenta e sua imagem. Suas provas éticas mostram-se já no início do discurso no momento em que ele faz questão de frisar pelo discurso sua autoridade quando afirma ter conhecimentos do que suas viagens lhe proporcionaram de experiência.

O auditório do orador Ailton Krenak foi por ele previamente presumido e construído, tendo sido possível adaptar-lhe as linhas gerais do discurso. A necessidade de semelhante adaptação constitui um dos postulados nucleares da persuasão retórica. Não passe despercebido que Krenak pronunciou o discurso no contexto da “Mostra ameríndia: percursos do cinema indígena no Brasil”, um ambiente inquestionavelmente favorável à sua pessoa e às ideias que divulga. Assim, krenak sabia de antemão que a disposição daqueles que lhe ouviriam o discurso seria favorável à tese de crítica à concepção de humanidade dominada pelos modos de agir capitalista. Estabeleceu-se uma comunidade entre orador e auditório e um acordo prévio entre eles (FIORIN, 2015), calcado em valores comuns, tais quais respeito ao meio ambiente, aos povos originais, reação à reificação do homem pelo capitalismo, crítica ao consumismo exagerado, crença num planeta Terra, que precisa de auxílio urgentemente. Estabelecido o acordo prévio, então, a argumentação pode se processar de maneira mais efetiva e produtiva.

6.1 Argumentação

Um dos argumentos iniciais de que se serve Ailton Krenak com vistas a sustentar sua tese é de que não existe “A verdade”, ou seja, não há uma essência universal de “verdade” que vale para a humanidade independente das particularidades espaciais, temporais ou culturais existentes (2020, p. 11).

Agindo assim, Krenak contesta aqueles que creem que exista a manifestação de um padrão de “humanidade esclarecida”, superior a tudo o mais (PERELMAN; ALBRECHTYS-TYTECA, 1996). Com base nisso, o orador anula a possibilidade de os colonizadores serem superiores aos colonizados. Trata-se de um argumento racional dirigido à mente do auditório, que, naquela altura, já deveria conhecer que Krenak se apoiava em pressupostos da antropologia relativos à cultura. Então, se os colonizadores não são superiores, torna-se mais crível a ideia de que eles contribuíram fortemente para a destruição da Terra.

O próximo argumento posiciona no centro das atenções a favelização a que foi submetida parcela das pessoas do campo e da floresta. Mediante tal raciocínio, o orador sinaliza que o capitalismo se revela um processo que degrada os mais fracos, marginalizando-os e excluindo-os da humanidade. Se o argumento anterior foi pintado com cores lógicas, neste, além do teor racional, ganha evidência o aspecto patético e afetivo, já que o orador persuade os ouvintes tocando-lhes o coração (conferir os verbos “jogar”, “arrancar”, por exemplo). Um recurso linguístico que contribui para o potencial expressivo da prova foi o emprego da questão

retórica: “Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão alienados do mínimo exercício de ser?” (2020, p. 14). O valor dessa modalidade de indagação é conduzir o público a uma só resposta: “não há justificativa”, produzindo o efeito de sentido de evidência, daquilo que não se questiona, daquilo que já não se encontra no terreno da opinião e, portanto, daquilo que deve ser aceito. Da opinião passa-se ao fato. Note-se que o argumento recebe a contribuição persuasiva do lugar da quantidade, que ressalta a força reveladora dos números, no caso, da porcentagem usado a favor da tese.

O orador, ao aumentar a adesão emotiva do auditório para a camada mais vulnerável da sociedade, faz com que esse auditório se distancie virtualmente do partido contrário, ou seja, das pessoas que comungam da visão de mundo capitalista, antropocêntrica, não sustentável, consumista, amparada na exploração de mão de obra barata. O partido contrário é retratado com tintas pesadas pelo orador, que os aproxima, pateticamente, de figuras desumanas interessadas no mal-estar dos vulneráveis, que, ao fim e ao cabo, se tornarão “loucos” conforme atesta a passagem abaixo:

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão totalmente alienados do mínimo exercício de ser? A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade. Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos. (2020, p. 14)

O orador oferece uma perspectiva crítica sobre as relações entre humanidade, a natureza e a Terra. Ele desafia a concepção de humanidade e convida a refletir sobre a conexão intrínseca com o mundo natural, questionando o mito da sustentabilidade (2020, p. 14), que, inventado, é empregado pelas corporações como justificativa para ações deletérias. Ele sugere que semelhante mito obscurece a compreensão da verdadeira articulação entre seres humanos e a natureza. A ideia de que a humanidade é separada do restante do mundo natural tem alienado os habitantes da Terra. O cerne da estratégia retórica do orador recorda o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) chamaram de dissociação de noções, espécie de ruptura em relação a coisas que parecem naturalmente ligadas, mas não o são. Com base nisso, patenteia-se que a sustentabilidade não se revela uma verdade absoluta a favor desinteressado da humanidade, mas uma noção multifacetada, que, ao ser dissociada de alguns de seus pressupostos tradicionais, pode fazer vir à tona sua faceta mistificadora e ideológica. Com tal técnica, Krenak problematiza a situação que querem fazer passar por simples.

Ao asseverar que “não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza” (2020, p. 16-17), Krenak serve-se do argumento do vínculo causal, lembrando o auditório que tudo faz parte desse sistema interconectado, a Terra. Essa visão holística contrasta com a perspectiva eurocêntrica que separou a humanidade da natureza, resultando em exploração e autodestruição. Em termos de meio ambiente, Krenak une o que numerosas pessoas separam. Ele adota uma visão socioambiental do ambiente e não naturalística ou biológica (CARVALHO, 2012). Até este ponto, é de reparar que a argumentação de Krenak se desenrola racional e mantendo a unidade. Alguns argumentos são mais frequentes: o que é natural é melhor do que é artificial; em algumas circunstâncias, o homem é o lobo do homem; a humanidade tal qual a conhecemos é algo construído e não objetiva a justiça social em geral; há seres humanos em

condições mais vulneráveis do que outros; a diversidade é melhor do que a uniformidade; o ecocentrismo/biocentrismo é melhor que o antropocentrismo etc.

Empenhando-se em manter o contato fático com o auditório, orador convida-o a repensar a ideia de humanidade, considerando a sabedoria das comunidades tradicionais que vivem em harmonia com a Terra. Interessante observar o emprego dos pronomes que atuam na comunhão entre orador e auditório. No entendimento do orador, preservar essas perspectivas é crucial com vistas a evitar o fim do mundo que a humanidade está acelerando. A retórica de Krenak desafia o auditório a se reconectar com a natureza e a reconhecer sua responsabilidade como parte integrante desse todo: “Por que essas narrativas não nos entusiasma? Porque elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (2020, p. 19)

O orador convoca os ouvintes a refletir sobre a relação entre a humanidade e a natureza, oferecendo como prova o exemplo do povo hopi nos Estados Unidos. Os hopis conversam com a natureza como, por exemplo, as pedras, que são consideradas suas irmãs. Cita uma anciã hopi – que serve como argumentação pelo modelo a ser seguida pelos que anseiam ver uma integração homem e natureza -, que compreendia a rocha como parte de sua família. O orador amplifica essa perspectiva por meio de uma indução oratória, apresentando novas provas segundo as quais em várias regiões dos Andes as montanhas são consideradas seres vivos, formando famílias afetivas. Tudo isso é intensificado por lugares da quantidade (“monte de gente”, 2020, p. 18) e personificações e animações da natureza. Essas provas, entretanto, são desconsideradas possivelmente pelo partido contrário em favor da tese globalizante e superficial, que negligencia a conexão profunda entre os seres humanos e o ambiente natural.

Nesses termos, a pergunta patética que o orador projeta no auditório figura-se central: “Por que essas narrativas não nos entusiasma? Por que elas vão sendo esquecidas e apagadas em favor de uma narrativa globalizante, superficial, que quer contar a mesma história para a gente?” (2020, p. 19). Uma questão como essa opera no sentido de reacender os brios do auditório, intensificando-lhe o desejo de confirmar a posição favorável à tese do orador, divulgá-la e combater a proposição do partido contrário, que tem se mostrado deletéria para o planeta.

O orador busca ampliar o envolvimento emocional do público. Essa interação entre o orador e o auditório desenha-se essencial para o desenvolvimento e a manutenção do discurso argumentativo. Todo discurso deve ser pensado em regime de coautoria, sendo o perfil do auditório que fornece ao orador as linhas mestras da peça retórica. A argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, tornando-se relativa ao auditório que procura influenciar. Krenak – tanto racionalmente quanto emotivamente – leva o auditório a reconsiderar a ideia de humanidade, reconhecendo que a autodestruição e a exploração excessiva da natureza estão enraizadas na construção moderna dessa noção, usada ideologicamente pelo partido contrário, cujo intento é persuadir que a humanidade é assim naturalmente e que a nós cabe aceitá-la passivamente.

No seguimento do discurso, repare-se na crítica à relação da humanidade com o meio ambiente e com o avanço das corporações. A fim de denunciar tal estado de coisas, Krenak dissocia, da ideia enganosa de uma humanidade una, um aspecto natural e um artificial. Com efeito, denuncia um processo ideológico em curso, cujo objetivo é tornar tranquilo o domínio das grandes corporações capitalistas e seus projetos, que têm a sua semente no processo da

colonização. Não passe despercebida a escolha lexical do orador, buscando que a elocução do discurso traduza a cupidez financeira dos opositores de uma humanidade mais sustentável (“corporações espertalhonas”, “tomar conta”, “devoram”, “Kits superinteressantes”, “Inventam”, “remédio”, “lixo”, “parafernálias”):

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernálias para nos entreter. (2020, p. 19-20)

Percebe-se que Krenak se empenha na criação de uma oposição polarizada entre seu grupo e o grupo das grandes corporações a quem, por sinal, não concede nada de positivo. Os valores que revestem as corporações são a vilania, a ameaça, a cupidez, a enganação, o capital, o desrespeito à ancestralidade e ao meio ambiente; já o outro grupo é representado pelos oprimidos, alienados e que estão suportando as consequências de um consumo irracional e do desejo supremo do lucro. O retrato polarizado dos atores em questão tem nítida função retórica na medida em que facilita didaticamente ao auditório o reconhecimento de quem é quem nesse processo de alta tensão.

Na continuação de seu arrazoado persuasivo, o orador assim se expressa:

Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. Os grandes centros, as grandes metrópoles do mundo são uma reprodução uns dos outros. Se você for para Tóquio, Berlim, Nova York, Lisboa ou São Paulo, verá o mesmo entusiasmo em fazer torres incríveis, elevadores espiroquetas, veículos espaciais... Parece que você está numa viagem com o Flash Gordon. (2020, p. 20-21)

De cara, o orador vale-se de uma refutação, apresentando um argumento que rebate eventual crítica, segundo a qual ele estaria inventando um “mito”. Essa refutação lhe dá oportunidade de, por um argumento ético, de reforçar sua imagem positiva de quem apenas enuncia a verdade. Linguisticamente, tal estratégia ética é fortalecida pela enumeração dos substantivos “nomes”, “endereço” e “conta bancária”. O orador não hesita em caracterizar essas corporações como “monstros corporativos” (2020, p. 20), de evidente força patética. O asco que o orador sente por tais instituições ele deseja que seja sentido pelo auditório. A elaboração desse ambiente maléfico cria no auditório um sentimento de presença da tese do orador. A presença é elemento capital na argumentação, pois atua na consciência do auditório (PERELAMN; OLBRECHTS-TYTECA), que se torna mais viva e atenta. A comparação com a ficção científica, por exemplo, com “Flash Gordon”, enfatiza o caráter surreal dessa realidade. O valor persuasivo da comparação consiste no fato de que os termos comparados passam a compartilhar dos mesmos elementos. Assim, uma realidade comparável a uma linguagem dos quadrinhos não é exatamente um elogio.

No entanto, o orador ressalta a existência de núcleos telúricos resistentes a esse modelo neoliberal, que permanecem “agarrados” à terra, ainda que à margem da sociedade globalizada. Os caiçaras, indígenas, quilombolas e aborígenes representam essa “sub-humanidade”, que ainda valoriza a conexão com o planeta. Essa caracterização de sub-humanidade deixa-se revelar pela linguagem da localização espacial, que nunca é central: “são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas **bordas** do planeta, nas **margens** dos rios, nas **beiras** dos oceanos” (2020, p. 21, grifo dos autores). Tais grupos resistem à alienação, preservando uma relação harmoniosa com a natureza. Ele alerta aqueles que o escutam mediante o argumento da urgência de repensar o modelo de desenvolvimento, priorizando a preservação ambiental e a justiça social. Cabe à humanidade reconectar-se com a terra e valorizar a diversidade cultural para adiar o inevitável fim do mundo que está construindo.

O orador critica a visão de que os seres humanos podem se desvincular da Terra, vivendo em uma abstração civilizatória. Krenak argumenta que essa ideia é absurda, uma vez que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida e oferece um cardápio uniforme, figurino padronizado e, se possível, uma única língua para todos. Krenak acrescenta: “A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo” (2020, p. 22-23). Os valores que sustentam o raciocínio de Krenak supõem que a diversidade e a pluralidade são pressupostas sem os quais o homem não existe. Numa hierarquia de valores, são superiores à uniformidade, que conduz os seres humanos ao absurdo.

O orador destaca que, em 2019, a Unesco declarou o ano internacional das línguas indígenas; porém, muitos desses idiomas, pertencentes a pequenos grupos à margem da humanidade, continuam a ser deletados. O foco reside nas línguas que interessam às corporações para administrar a noção de desenvolvimento sustentável.

Para a Unesco, 2019 é o ano internacional das línguas indígenas. Todos nós sabemos que a cada ano ou a cada semestre uma dessas línguas maternas, um desses idiomas originais de pequenos grupos que estão na periferia da humanidade, é deletada. Sobram algumas, de preferência aquelas que interessam às corporações para administrar a coisa toda, o desenvolvimento sustentável. (2020, p. 23)

Ao empregar o sintagma “Todos nós sabemos”, o orador estabelece, retoricamente, uma comunhão com o auditório, em que os dois estão irmanados na crença de que o futuro de boa parcela das línguas indígenas é o desaparecimento, conforme tem ocorrido desde o processo de colonização no século XVI. O uso de “deletar” não deixa de ser irônico, pois sinaliza para uma modernidade que, no lugar de compreender o funcionamento dos sistemas culturais, os ignora. Tudo que resta conservado dos periféricos povos originais é fruto da caridade artificial do centro, que vai forjando um conceito de desenvolvimento sustentável para inglês ver.

Além disso, Krenak questiona o que aconteceu com os rios, florestas e paisagens: “O que é feito de nossos rios, nossas florestas, nossas paisagens?” (2020, p. 23). O orador alcança estabelecer um elo patético com o auditório (possessivo “nosso”), criando um sentimento de ausência que os irmana e os leva a lutar pela mesma tese. Registra-se, de igual forma, o argumento de autoridade, a saber: a menção ao intelectual português Boaventura de Souza

Santos. O orador, num argumento pragmático, observa que a humanidade está tão perturbada com o desarranjo regional e a falta de perspectiva política que não enxerga o que realmente importa para as pessoas, coletivos e comunidades em suas ecologias. Krenak propõe que a "ecologia dos saberes" (2020, p. 24) deve integrar a experiência humana cotidiana e inspirar escolhas sobre onde queremos viver como comunidade.

Crítica-se a ideia de uma humanidade homogênea, na qual o consumo substituiu a cidadania. O orador cita o ex-presidente do Uruguai, José Mujica (2020, p. 24), um argumento de autoridade com o auxílio do qual se condena a transformação das pessoas em consumidores, não em cidadãos. As crianças são ensinadas a serem clientes, e o consumidor é idolatrado a ponto de ser imbecilizado. O conferencista apodera-se de uma linguagem rica em imagens sensoriais com o intuito de descrever a conexão íntima entre as pessoas e a natureza, retoricamente indicando que a interação é plausível e desejável. Palavras como "espírito da floresta", "viver com a floresta" e "estar na floresta" evocam uma sensação de pertencimento. Ademais a menção ao conhecimento do orador do território yanomami opera como uma prova ética de credibilidade e autoridade.

O orador segue criticando, por meio da mescla de *logos* e *pathos*, a modernização que alienou pessoas de suas raízes e as jogou em centros urbanos, desconectando-as de suas memórias ancestrais. A denúncia das corporações perversas – que traduzem tanto mazelas do pós-colonialismo, do capitalismo quanto da globalização, que ameaçam o território yanomami pelo garimpo e mineração - ressalta a urgência de preservar tais cosmovisões, o que esse conceito atual e ideológico de humanidade e sustentabilidade não dá conta de realizar. Nesse sentido, o termo “zumbi” é de uma expressividade retórica e de uma precisão fora de dúvida.

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (2020, p. 26-27)

“Humanidade zumbi” sugere uma sociedade embotada, insensível à alegria, que não valoriza o prazer de estar vivo. A intolerância em relação àqueles que ainda vivenciam essas experiências é apontada como um sintoma desse contexto. Se, como diz Oswald de Andrade (1890-1954), a alegria é a prova dos nove, então a falta de alegria é uma contraprova grave. A provocação central do orador é a possibilidade de adiar o fim do mundo por meio da contação de histórias.

O orador vivencia tal momento do discurso como fundamental para testar o canal com o auditório, captando-lhe a atenção e a benevolência, a ele se dirigindo explicitamente em tom de conversa simétrica, que busca as informações preciosas do feedback da plateia e que a valoriza pela distinção do desejo da conversa.

É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros. Poder ter um encontro como este, aqui em Portugal, e ter uma audiência tão essencial como vocês é um presente para mim. Vocês podem ter certeza de que isso me dá o maior gás para esticar um pouco mais o início do fim do mundo que se me apresenta. E os provoco a pensar na possibilidade de fazer o mesmo exercício. É uma espécie de tai chi chuan.

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar.
(2020, p. 27-28)

Em cada provocação, o orador insta o auditório a repensar a relação com o planeta, a valorizar as diferentes formas de existência e a reconhecer a importância de preservar culturas que se conectam à natureza. Adiar o fim do mundo, literalmente e simbolicamente, é um ato de resistência e esperança, alimentado pelas histórias que se continua a contar: “E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (2020, p. 27).

O orador, com a autoridade de povo originário, demanda o auditório a refletir sobre como semelhantes comunidades enfrentaram a colonização, instituição esta que queria exterminar os povos do Brasil ou enquadrá-los numa humanidade de segunda categoria. O orador estabelece uma oposição entre colonizadores e colonizados e requer ao auditório que se posicione sobre ela. Nesse quadro, ele destaca “manobras”, “criatividade” e a “poesia” que lhe inspiraram a resistência. Resistindo como bárbaros, que foi a denominação que a civilização lhe concedeu, pois os colonizadores tinham o poder de dar os nomes ao desconhecido e, assim, os dominar. No entanto, o conferencista/orador insiste em chamar – num processo de redundância – seu público a repensar a relação com a natureza, a reconhecer a sabedoria das comunidades tradicionais e a buscar alternativas à lógica de autodestruição da civilização moderna. O orador utiliza a anáfora ao reiterar a palavra “toma” para enfatizar a imposição da civilização sobre os povos tradicionais. Essa repetição cria um efeito de insistência, destacando a violência e a opressão contínuas que esses povos enfrentaram: “E os caras: ‘Não, toma essa roubada. Toma a Bíblia, toma a cruz, toma o colégio, toma a universidade, toma a estrada, toma a ferrovia, toma a mineradora, toma a porrada’. Ao que os povos responderam: ‘O que é isso? Que programa esquisito! Não tem outro, não?’”. (2020, p. 29-30)

Além disso, a ironia permeia o texto. A expressão “Não tem outro, não?” é usada de forma sarcástica, questionando a falta de alternativas oferecidas pelo programa civilizatório. O orador sugere que a civilização impôs uma única visão de progresso, ignorando outras possibilidades. Isso se chama ideologia. A metáfora do “espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos” (2020, p. 30) revela-se importante. Ela representa a necessidade de olhar para além das limitações impostas pela civilização e explorar novas perspectivas. Os “paraquedas coloridos” simbolizam a criatividade, a resistência e a esperança diante da queda iminente.

Há também o uso da pergunta retórica: “Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo?” (2020, p. 30), que tenciona levar o auditório a refletir sobre suas próprias condições. A queda é inevitável, mas se pode escolher como enfrentá-la: com medo ou com coragem. Krenak propõe que os ouvintes repensem a relação com a natureza, questionem os paradigmas da civilização e busquem alternativas para adiar o fim do mundo. A construção de “paraquedas coloridos” simboliza a esperança de um futuro diferente, calcado na harmonia entre humanidade e natureza e, sobretudo, na alegria. Ailton Krenak propõe uma conexão com a pluralidade de narrativas presentes em diferentes povos, lembrando as centenas de histórias, cantadas e compartilhadas pelas comunidades. Essa abordagem desafia os espectadores a reconhecer que não são os únicos seres interessantes no mundo; mas parte de um todo interconectado.

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente. (2020, p. 30-31)

O orador também critica a vaidade da humanidade. Ao mencionar a falta de reverência pelas outras companhias nessa jornada cósmica, sugere que a arrogância nos impede de enxergar a riqueza e a diversidade das perspectivas existentes. A alusão à situação no Brasil em 2018, quando questionaram como os indígenas enfrentariam os desafios, revela a resistência desses povos. Krenak enfatiza, batendo na tecla retórica da resistência, que não somos todos iguais e que ainda existem centenas de etnias com línguas e dialetos distintos:

Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil, me perguntaram: “Como os índios vão fazer diante disso tudo?”. Eu falei: “Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa”. A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos. (2020, p. 31)

O orador menciona, à guisa de argumento de autoridade, Eduardo Viveiros de Castro, que defende o perspectivismo amazônico. Essa postura ecocêntrica aponta que os humanos não são os únicos a manter uma visão sobre a existência. Outros seres também têm perspectivas, e é fundamental reconhecê-las. Krenak argumenta que os ouvintes questionem a ideia de humanidade, persuadindo-os a valorizar as narrativas dos povos tradicionais e a reconhecer que a existência vai além de um olhar convencionalmente limitado. Somos parte de um complexo, e a reverência pela diversidade é essencial para adiar o fim do mundo. Trata-se, pois, da retórica da diversidade que perpassou todo o texto de Krenak. A proposta de “suspender o céu” é uma metáfora retórica, representando a expansão do horizonte existencial, não apenas o prospectivo. Essa suspensão convida a enriquecer as subjetividades, a olhar além do óbvio, a transcender limites e a pagar, enfim, o devido tributo à alegria.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (2020, p. 32-33)

O orador sugere – quase alegoricamente – que assim como a natureza é consumida, também deve-se valorizar as subjetividades, a maneira não padronizada e não colonizada de vivenciar o mundo. A natureza está sendo “assaltada”, e preservar as visões e poéticas revela-se uma forma de resistência séria e lúdica a um só tempo sem que nisso haja contradição. Trata-se de uma tomada de posição a favor de valores e de como alguns deles são mais importantes do que outros. Não se deve esquecer de que é amparada em valores que a argumentação se processa na sua integralidade.

Resta mencionar que a comparação entre seres humanos e constelações revela-se marcante. Cada um de nós é único, como estrelas em um céu vasto. Compartilha-se espaço, mas as diferenças atraem e devem guiar as pessoas no caminho. Nesse contexto, o orador rejeita a ideia de uma humanidade homogênea com protocolos idênticos. Essa uniformidade tira a alegria de viver.

Assim sendo, o orador Ailton Krenak, baseado em sua autoridade no assunto em tela, convida-nos, seja racional, seja afetivamente, a suspender o céu, a valorizar nossas subjetividades e a abraçar a diversidade e a ancestralidade como tarefa necessária de resistência contra a uniformização dos olhares, contra as mistificações do capitalismo, contra as teorias ambientais improváveis, contra a destruição da natureza e contra a “colonização” sempre renovada, que ameaça nossa alegria de estar vivos e esperançosos.

7. CONCLUSÃO

Na palestra ministrada em Lisboa e, depois, estampada no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), o orador Ailton Krenak medita, com finalidades persuasivas, sobre as relações de poder entre o homem e o meio ambiente e que colocaram a humanidade em risco de colapso. Por meio de recursos retóricos e de argumentos éticos, lógicos e patéticos (que combinam a autoridade do orador, sua racionalidade e sua capacidade de impactar emocionalmente o auditório), Krenak procura convencer o público a respeito dos impactos deletérios das ações humanas orientadas pela visão de que estamos separados da natureza. Questiona-se a ideia de humanidade construída e deturpada pela modernidade eurocêntrica, legitimadora da autodestruição e da exploração excessiva dos recursos naturais.

O líder indígena destaca a urgência de repensar a cosmovisão capitalista e pragmática da época atual, reconhecendo a importância das comunidades tradicionais. Para ele, esses povos, tidos como sub-humanos, oferecem uma alternativa à lógica de autodestruição. Isso porque suas narrativas e perspectivas, enraizadas na ancestralidade e na conexão com a natureza, revelam-se fundamentais para preservar a diversidade cultural e a sobrevivência do planeta. Krenak questiona – e pretende que o auditório o faça da mesma forma, isto é, com racionalidade e emoção – o conceito de humanidade erigido ao longo dos séculos. O orador recorda que a ideia de dominação e exploração insustentável da natureza tem posto em risco não apenas a vida dos povos tradicionais, mas também o futuro da humanidade. Assim, ele inspira o leitor e o ouvinte, retoricamente, a esposar a tese de adiar o fim do mundo, reconhecendo nossa interdependência com a Terra e sondando um modo de vida mais harmonioso e consciente.

Chegados a este ponto, cumpre salientar que Krenak apresenta inegável possibilidade de ter sua tese aceita pelo auditório, que, igualmente, rejeitaria a tese do partido contrário,

mesmo não tendo sido ela apresentada concretamente por um adversário-orador. Além de a proposição ser de inequívoca credibilidade numa época em que o pensamento ambiental cresce em relevância e em urgência, o auditório que o escutou ou os leitores que o leram fizeram-no voluntariamente, sabendo, de antemão, estar na “presença” de um dos pensadores mais renomados e festejados sobre meio ambiente e sustentabilidade e a cujas palavras deve-se conferir superior atenção.

No mais, krenak valeu-se de linguagem acessível, clara e correta e que fez remissões a contextos atuais, isso sem contar nas “quebras de gelo” pelo emprego de expressões informais, que criaram, dentro dos limites, uma comunhão de camaradagem entre orador e auditório. Seus argumentos foram fundamentalmente racionais, mas combinados, em excelente dosagem, com sua autoridade de indígena falando do meio ambiente (*ethos*) e com uma inflexão de preocupação que perpassa o texto e que dizia respeito ao risco ambiental e ao fracasso da humanidade (*pathos*).

Sendo um discurso atinente aos erros do passado e que são condenados, é possível enquadrá-lo no gênero retórico judiciário, que defende e acusa, assentado no justo e no injusto. Ou seja, para Krenak, é injusto ter tratado o meio ambiente e a humanidade como eles foram, necessitando tal aspecto destrutivo de condenação. A despeito disso, há espaço para o gênero demonstrativo: como Krenak salientou que os problemas persistem no presente, ele trata de censurá-los em moldes atuais, buscando, educativamente, que o auditório aprecie o que ouviu e leu, divulgando os valores ecocêntricos. Finalmente é possível acrescentar mais um gênero retórico ao discurso: o gênero deliberativo. Trata-se de um gênero cujo tempo é o futuro. Delibera-se, pois, sobre o acontecerá. Na medida em que krenak postula uma alternativa revitalizadora para a humanidade, sua retórica aponta para o futuro, baseando no diálogo entre o útil e o nocivo e no que pode prevalecer.

Tendo em conta o vigor persuasivo que a combinação desses três gêneros retóricos faculta ao discurso de Krenak, é de ter alguma esperança que seu texto possa, em certa medida, tornar-se uma referência válida aos esforços de combate contra a falta de uma verdadeira humanidade e contra o excesso de opressões que recorda o colonialismo.

8. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARRY, Peter. Ecocriticism. In **Beginning theory: an introduction to literary and cultural theory**. 3.ed. Manchester, 2009.

BONNICI, Thomas. Ecocrítica e pós-colonialismo: o fitar de Bigg-Wither na Floresta Atlântica do Paraná. **INTERSEMIOSE**, Jun/Dez 2012, p.171-p.184,

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura, **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COUTO, Hildo H. do. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

FALCONI, Jéssica. Ecocrítica. In: GALLO, F. (org.). **Breve dicionário das literaturas africanas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2022. p.57-65.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: contexto, 2015.

GARRAD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: UNB, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll. Introduction. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROM, Harold. **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens and London: The university of Georgia, 2016. p.vxxxxvii.

JUNQUEIRA, C.F; HENRIQUEZ, J. M. M.; VIGAL, J.B. (orgs). **Ecocríticas: literatura y medio ambiente**. Madrid: Iberoamericana. 2010.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. In: KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p.7-33.

Mendes, Maria. do Carmo. No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. *Anthropocénica*. **Revista de estudos do antropoceno e ecocrítica**, 1. <https://doi.org/10.21814/anthropocénica.3100>, 2020.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação** - a nova retórica. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TRINGALI, Dante. **A retórica antiga e as outras retóricas**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Musa, 2014.